

## A TECNOLOGIA EXISTE PARA NOS SERVIR OU SERVIMOS À TECNOLOGIA?

Noeli Marangoni Gilioli\*

Algumas pessoas da minha geração devem se lembrar do Dr. Smith, do Robô que repetia “Perigo! Perigo!”, a cada vez que algo ameaçava a família que estava perdida, no programa *Perdidos no Espaço*. Outros, mais novos, lembram-se dos *Jetsons*. Muitos jovens das gerações atuais, se assistissem aos *Jetsons* hoje em dia, achariam tudo perfeitamente normal e não ficariam embasbacados, como nós ficamos naquela época, com todas as tecnologias do desenho animado que retratava como seria a vida no ano 2000. No telefone dos *Jetsons*, ao mesmo tempo em que se ouvia o sujeito que estava do outro lado da linha, aparecia uma imagem de quem estava falando (como uma *webcam* de hoje); o Sr. Jetson embarcava no seu carro voador e programava, ou apenas dava uma ordem de comando, estando logo no seu destino (como um GPS de hoje). É verdade que não se tem ainda carros voadores, mas existem dezenas de helicópteros sobrevoando a grande São Paulo, num ir e vir diário, como condução diária, além de comandos de voz em telefones, computadores etc. Também na família *Jetson*, havia a Dona Rose, um robô doméstico que estava sempre pronto para atender qualquer demanda da família.

Na década de 1970, o que tínhamos era o sonho de ter várias máquinas ou robôs a nossa disposição, para executar aquele serviço que não nos proporcionava tanto prazer, ou mesmo as tarefas de rotina, que eram necessárias, para as quais almejávamos ter alguém nos substituindo.

Como citei, qualquer jovem ou criança, assistindo ao desenho atualmente, acharia tudo muito comum; a grande diferença é que, quando tudo aquilo era mera ficção, as máquinas e os robôs trabalhavam para os humanos e, na ficção, toda essa aparelhagem viria para nos poupar tempo, serviços desgastantes, deixando mais tempo para realizarmos aquelas coisas para as

---

quais não tínhamos tempo ou fazíamos com pressa: ficar mais tempo com familiares, festejar com amigos, brincar com os filhos, bater papo com o vizinho etc.

Em termos de tecnologia, podemos afirmar que quase todos os sonhos de consumo idealizados, nos anos 1960 e 1970 para os anos 2000, concretizaram-se; porém, será que poderíamos dizer o mesmo quanto às finalidades da criação de tal tecnologia, quanto aos seus objetivos? Quem presta serviço a quem?

Vemos muitas pessoas, mesmo nos seus momentos de lazer, não desgrudarem de seus celulares; vemos pais queixando-se de que os filhos não tiram os olhos do vídeo-game; vemos pessoas debaixo do guarda sol, numa praia linda, com seus *laptops* na mão, conectados à Internet o tempo todo; vemos conversas pelo MSN, e é bem provável que conheçamos virtualmente várias pessoas, do outro lado do continente, e sequer saibamos quem é nosso vizinho; vemos pessoas lavando e encerando seus carros, como se fossem um ser, e é muito comum até se privarem de necessidades básicas, como alimentação adequada e boa educação, porque a prestação do carro entra como número um na lista de despesas e/ou investimentos da família; vemos pessoas dispensando uma boa conversa para checar os *e-mails* (já vi mesmo pessoas mandando mensagem pelo computador para chamar o filho para jantar, sendo que ele estava no cômodo ao lado).

Então, o que podemos pensar é que realmente chegamos aos anos 2000 com a maioria daquelas parafernalias dos *Jestsons* a nossa disposição. No entanto, apenas uma coisa inverteu-se: elas não nos servem, e sim nós é que servimos a elas; tornamo-nos escravos da tecnologia; fomos inteligentes o suficiente para criamos tudo, mas ignorantes ao ponto de colocamos tudo isso à frente de nossas necessidades como seres humanos.

O pior disso tudo é nos acostumarmos com tal situação, acharmos isso normal porque a maioria das pessoas assim o faz. É preciso termos responsabilidade suficiente para compreender que nossos filhos aprendem muito mais através daquilo que vêem do que daquilo que ouvem. Muito importante é esclarecermos algo essencial para as nossas crianças: acima de

qualquer coisa está o SER humano, e não o TER humano; jamais deveríamos trocar uma boa conversa com um amigo de verdade por um amigo virtual, ou mesmo por jogo no vídeo-game, por uma novela ou um futebol na televisão.

Não é nada contra a tecnologia, muito pelo contrário; entretanto, é possível usufruir dela desde que tenhamos uma coisa muito clara: ela está aqui para nos servir, para que nos sintamos mais felizes.

---

\* Pedagoga com especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar, Master Trainer em Programação Neurolinguística.